

A escrit(ur)a acadêmica e o processo de assunção ao discurso acadêmico

Cármem Agustini
Ernesto Bertoldo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

AGUSTINI, C., and ERNESTO, B., eds. A escrit(ur)a acadêmica e o processo de assunção ao discurso acadêmico. In: *Incursoões na escrita acadêmico-universitária: letramento, discurso, enunciação* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2017, pp. 7-19. ISBN: 978-65-86084-26-9. <https://doi.org/10.7476/9786586084269.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

A escrit(ur)a acadêmica e o processo de assunção ao discurso acadêmico

A possibilidade de consolidarmos nossas pesquisas depende, indubitavelmente, dentre outros fatores, do suporte que recebemos de grupos de pesquisa que se organizam em torno de temas de interesse. Este é o caso desta coletânea. Sua realização foi possível porque seus organizadores tiveram o suporte teórico-metodológico e, também, logístico do Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS).

O GELS, formado em 2005, mantém um conjunto de atividades voltadas para a formação, interlocução e apresentação de pesquisas dos membros, a fim de (re)pensar os modos de (re)formulá-las e de desenvolvê-las, assim como para a consolidação dos trabalhos de pesquisa dos membros do grupo, sempre em torno de temas que levam em conta a relação entre linguagem e subjetividade.

Nesse seu propósito de interlocução, o GELS, nos últimos quatro anos, vem contando com o suporte do projeto Procad/Casadinho que se caracteriza pelo intercâmbio de pesquisa, muito produtivo, entre programas de pós-graduação consolidados e em consolidação, com o apoio financeiro das agências de fomento brasileiras: CAPES e CNPq.

Diante do exposto, esta coletânea ilustra a preocupação que o GELS assume com questões afeitas ao ensino e à aprendizagem de escrita e de leitura, neste caso específico, no espaço acadêmico-universitário, sob a óptica da relação entre linguagem e subjetividade. Nesse sentido, o GELS procura sempre divulgar seus resultados de pesquisa, compartilhando-

os com outros pesquisadores que não fazem, necessariamente, parte do grupo. Um caso específico, que resultou na produção desta coletânea, o GELS propôs um grupo de trabalho no IV SIELP – Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa- cujo objetivo foi o de problematizar a escrita acadêmica na assunção dos alunos à ordem do discurso acadêmico-universitário, conforme elucidamos neste capítulo.

Parece consensual que a constituição de um aluno universitário no e pelo discurso acadêmico encerra um processo complexo que comporta uma demanda para a sua entrada em uma *ordem discursiva* (Foucault, 1971) outra. Essa outra ordem discursiva exige, por sua vez, o exercício de práticas discursivas acadêmicas que, em última instância, só podem passar a fazer parte do repertório do universitário, caso ele consiga enfrentar a diferença de outros modos de dizer possíveis a partir da entrada nessa outra ordem discursiva: a do discurso acadêmico.

Nesse processo de entrada na ordem do discurso acadêmico-universitário, a escrit(ur)a é um dos desafios que o aluno universitário enfrenta, uma vez que se trata de um processo que faz, necessariamente, com que ele se confronte com a diferença entre os seus modos de dizer e aqueles próprios ao discurso acadêmico-universitário. Não temos nesse processo a garantia de que a constituição do aluno universitário pelos modos de dizer do discurso acadêmico-universitário ocorrerá, já que não são todos os que suportam a angústia provocada pela diferença e, em decorrência, pelas coerções oriundas do discurso acadêmico-universitário e de suas especificidades.

Não é possível no espaço discursivo acadêmico-universitário dizer qualquer coisa de qualquer modo. Dito de outra maneira: esse confronto, tal como postulamos aqui, provoca, ainda, uma outra relação com o saber e (com) a sua produção. É notório que o conhecimento produzido nos círculos acadêmico-universitários se caracteriza, basicamente, por se afastar, radicalmente, daquele produzido no espaço do senso comum, mesmo quando dele o aluno universitário faz o seu ponto de partida.

A tarefa, então, que se apresenta a um aluno universitário, em seu processo de entrada nessa outra ordem discursiva que lhe (im)põe outros modos de dizer, comporta uma via de mão dupla: por um lado, para que ele se constitua nesses novos modos de dizer, ele, necessariamente, precisa se submeter às leis que compõem as regras de construção discursiva de tais modos; por outro lado, precisa encontrar uma maneira de subverter essas regras de tal forma que a elas não sucumba.

Isso porque constitui nosso entendimento a entrada na ordem do discurso acadêmico-universitário e, em decorrência, a constituição de um aluno universitário pela via da escrita acadêmica deve contemplar uma escrita institucionalizada e, ao mesmo tempo, subjetiva, de modo a se afastar da mera reprodução; por vezes, teóricas que se encarrega, sobretudo, de referendar, no espaço acadêmico-universitário, autores que, supostamente, seriam os portadores das verdades científicas e que, por essa razão, deveriam ser reproduzidos-perpetuados.

Ao contrário disso, uma escrita acadêmica institucionalizada e subjetiva, assim entendida em seu jogo tensivo constitutivo, pode levar, em decorrência, a uma responsabilidade enunciativa. Tal responsabilidade supõe a tomada da palavra a partir das exigências que a assunção à ordem do discurso acadêmico-universitário demanda do(aluno) universitário.

Para explicitar e problematizar questões que envolvem o que postulamos aqui, essa coletânea propõe discutir produções escritas de (alunos) universitários às voltas com o processo de apropriação da escrit(ur)a acadêmica, momento em que os alunos enfrentam concretamente a escrita a partir das exigências de práticas discursivas específicas.

A possibilidade de uma escrita acadêmica institucionalizada e subjetiva, que proporcione uma responsabilidade enunciativa no espaço acadêmico-universitário, e, para além dele, parece estar justamente na tensão entre a possibilidade de assumir esses outros modos de dizer que são específicos ao discurso acadêmico-universitário, dadas as condições de entrada em um discurso outro, e a impossibilidade que se (im)põe de se dizer nessa outra ordem discursiva, dadas as condições que assim possam, igualmente, determinar. Trata-se, portanto, de uma zona de entremeio a qual o aluno universitário deve atravessar para adentrar os pórticos da escrit(ur)a acadêmica e, assim acontecendo, instaurar-se nele o processo de assunção ao discurso acadêmico.

Essa questão desafiadora é tratada a partir de diferentes abordagens e perspectivas, de modo que a escrit(ur)a e a leitura acadêmica tornam-se também objetos de estudo e, em decorrência, de pesquisa. Nesse caso específico, em relação à entrada do aluno-universitário nesses modos de dizer específicos que encontram na leitura e na escrit(ur)a acadêmica seu suporte.

Sucintamente, podemos dizer que os estudos sobre letramento abrangem desde aqueles que tratam a leitura e a escrita sob o ponto de vista meramente cognitivo, até aqueles que abordam a questão como um

fenômeno que deve ser considerado sob a óptica social, reconhecendo que são nas práticas sociais, políticas, econômicas e culturais que tanto a leitura quanto a escrita devem ser consideradas, o que Gee (2000) chama de “virada social”. Essa virada social, tal como apregoada pelo autor, possibilitou, assim, o rompimento com o paradigma cognitivo, abrindo a possibilidade para outros estudos que, notadamente, partissem de uma abordagem do fenômeno da escrita e da leitura a partir do ponto de vista social.

Decorrente dessa abordagem social do letramento, atualmente, vemos, com frequência, estudiosos que se reportam aos novos estudos sobre o letramento, assim como aos estudos que abordam a questão, referindo-se aos multiletramentos. Trata-se de perspectivas que, se por um lado não são antagônicas, por outro não se equivalem. No primeiro caso, de acordo com Bevilaqua (2013, p.3)

[a] denominação *Novos Estudos do Letramento* foi cunhada por Gee (1991 *apud* Street, 2003) quando da observação que emergiam, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, na América do Sul (Brasil), América do Norte (Estados Unidos) e Europa (Reino Unido), estudos que focavam muito mais o *lado social do letramento* do que seu lado cognitivo (Street, 2003, p.77). Logo, o atributo ‘novo’ está relacionado à ‘virada social’.

Já, no segundo caso, a referida autora (2013, p.4) esclarece que

[alguns] anos após o surgimento dos NLS, mais especificamente em 1994, na cidade estadunidense de Nova Londres, *New Hampshire*, renomados teóricos, sobretudo da Linguística e Educação, oriundos de três países - Estados Unidos, Grã-Bretanha e Austrália - reuniram-se a fim de debater os sérios problemas pelos quais o sistema de ensino anglo-saxão estava passando (Cope; Kalantzis, 2000). Esse grupo de teóricos tornou-se mundialmente famoso pela autodenominação de *New London Group*, ou Grupo de Nova Londres. Deste encontro, resultou um documento denominado de “manifesto programático” (Cope; Kalantzis, 2000, p.164), construído a dez mãos e cujos motes principais foram: a *crecente diversidade linguística e cultural* presente nesses países (fruto de uma economia globalizada) e a *multiplicidade de canais e meios (modos semióticos) de comunicação* (resultado das novas tecnologias). Esses dois motes foram responsáveis pelo prefixo multi, da denominação *Multiletramentos* (Cope; Kalantzis, 2000, 2009).

Como podemos notar, não há realmente pontos de discordância entre as duas denominações *novos estudos sobre letramento* e *multiletramentos*. Tratar-se, muito mais, a nosso ver, de uma questão que diz respeito às possibilidades de alcance que a noção de multiletramentos possibilitaria, no sentido de responder às demandas da contemporaneidade que cada vez mais exigem diferentes tipos de habilidades /competências frente a um avanço galopante das novas tecnologias, resultantes da produção de conhecimento nas sociedades contemporâneas globalizadas, gerenciadas pelo capitalismo. Apesar de reconhecermos o lugar e a pertinência da noção de multiletramentos, o prefixo multi, ao pluralizar a noção de letramento poderia incorrer no risco de esvaziar esse conceito, uma vez que produz um efeito de indistinção sobre o que seria ler e escrever em diferentes espaços discursivos.

Ademais, parece-nos, ainda que o conceito, assim, ficaria muito mais associado a levar, simplesmente, alguém (os alunos universitários, por exemplo) ao “domínio” de diferentes habilidades ou competências, necessárias à sobrevivência no mundo globalizado, apagando-se, potencialmente, seu caráter de subversão às regras coercitivas e homogeneizantes desse mesmo mundo contemporâneo, globalizado.

Essa coletânea está em consonância com estes trabalhos em relação à questão desafiadora; no entanto, cada um, segundo sua filiação teórica, busca respondê-la a seu modo, de tal forma que essa coletânea não se constitui somente de perspectivas homogêneas ou afins; ela apresenta um conjunto de trabalhos que é, com efeito, heterogêneo; sem, contudo, perder de vista a questão desafiadora sobre os modos de entrada na ordem discursiva acadêmico-universitária como estamos argumentando aqui. Assim, a ideia da coletânea atinge, diretamente, essa questão, por vezes conturbada, da passagem da *Educação Básica* para a *Educação Acadêmico-Universitária*.

O texto de Brian Street, *Letramento acadêmico: avanços e críticas recentes*, que abre a coletânea, constitui uma reflexão relevante para a discussão da questão desafiadora da passagem da *Educação Básica* à *Educação Acadêmico-Universitária*. O texto apresenta, de forma problematizada, os diversos estudos, produzidos e em produção, sobre o letramento, de forma geral, e, em particular, sobre o letramento acadêmico, entendidos na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. Reforça, ainda mais, a relevância mencionada o fato de que o autor mantém, juntamente com

seu grupo de pesquisa, interlocução com pesquisadores brasileiros sobre o tema em questão. Esse fato contribui para a formação de novos pesquisadores brasileiros envolvidos com as questões teórico-metodológicas afeitas aos estudos sobre letramento.

O texto de Sulemi Fabiano-Campos e José Antônio Vieira, *Promoção, operacionalização e funcionalidade do texto acadêmico*, analisa os sentidos produzidos por meio das formas de marcação de outros discursos na escrita de monografias. Norteia a investigação empreendida pelos autores a seguinte pergunta: “quais os efeitos de sentido produzidos a partir do modo de utilização da voz do outro na escrita de textos acadêmicos?” Para trabalhar essa questão, os autores filiam-se às teorizações de Authier-Revuz sobre a heterogeneidade enunciativa, a fim de identificar as marcações do outro na escrita, e o *valor de troca* e o *valor de uso* (Rossi-Landi, 1985).

Com as análises da presença de marcações do outro na escrita de monografias, os autores verificaram as diferenças de uso e da funcionalidade social de uma teoria. Perceberam, ainda, que uma escrita desenvolvida na repetição e reprodução do que já foi dito pode desenvolver a ideia de que o texto produzido possui a função de promover um autor ou um conceito teórico utilizado como fundamentação. Verificaram, também, indícios de que a promoção do outro pode garantir a inserção e aceitação do trabalho acadêmico em uma comunidade científica, independente do desenvolvimento de uma análise que mobilize uma teoria.

Já o texto de Cármen Agustini e Mariana da Silva Marinho, *A escrita acadêmica em provas. A descontinuidade na mobilização teórica*, discute e analisa em que medida a inscrição do aluno universitário em uma teoria pode ou não afetar sua escrita na (re)produção de respostas às questões discursivas de provas, nas quais tenha que, a partir de uma teoria estudada em aula, analisar ou posicionar-se em relação a algum fato ou conceito linguístico. Com base nas teorizações de Émile Benveniste (1966, 1974 e 2012), as autoras propõem aferir a descontinuidade da relação entre *locutor-scriptor*, apropriação da *língua escrita* e manejo da teoria no espaço acadêmico-universitário.

Tomar a relação entre *locutor-scriptor*, apropriação da *língua escrita* e manejo da teoria como uma relação marcada pela descontinuidade, levou as autoras a promoverem uma diferenciação entre os comportamentos, de um lado, de *ouvir* e de *escutar*, em paralelo, por outro lado, com

os comportamentos de *falar* e de *dizer*. Para tanto, analisaram recortes de provas feitas por (alunos) universitários de uma instituição pública de ensino superior e verificaram que a escrita desses (alunos) universitários descortinam uma relação (in)tensa e descontínua no manejo da teoria e, em decorrência, com a escrita acadêmica em provas, de tal modo que de uma questão discursiva para outra possa haver uma decalagem que transpõe a escrita acadêmica ao senso comum.

O texto de Jorama de Quadros Stein e Marlene Teixeira, *O laço na escrita em textos acadêmicos: um estudo enunciativo*, investiga o laço no processo de escrita entre professor-revisor e aluno-scriptor, a fim de promover uma ressignificação do ensino de escrita espaço acadêmico-universitário. As autoras, filiadas às teorizações de Émile Benveniste (1966, 1974 e 2012), compreendem que a escrita é outro sistema semiótico, que pressupõe uma série de abstrações e que a *reescrita* não é uma reedição, mas uma nova enunciação, em que o locutor se institui como sujeito na e pela linguagem, e *reproduz* (Benveniste, 1966) uma certa relação com o mundo, renovando seu modo de estar na língua.

Para melhor expor a investigação, as autoras analisam um texto a partir das modificações realizadas pelo aluno universitário em função da interferência do professor. Para isso, mobilizaram as categorias da crítica genética, mostrando que, ao atentar para o processo de escrita, o professor coloca-se como interlocutor atento, numa relação de reversibilidade com o aluno, concedendo-lhe um novo lugar de enunciação, permitindo-lhe apropriar-se do texto como espaço de *reinvenção possível*. Esse espaço de *reinvenção* deve fornecer condições e repertório ao aluno universitário para que ele possa fazer sua passagem e, assim, ascender a uma escrita institucionalizada e subjetiva.

O texto de Luciene Juliano Simões e Maristela Juchum, *A escrita na universidade: uma reflexão a partir do que os alunos dizem em seus textos*, objetiva observar e analisar o que alunos universitários revelam em seus textos sobre suas escritas antes do ingresso no espaço acadêmico-universitário e sobre o que é esperado deles nele. Ao analisar os textos de 45 alunos da disciplina *Leitura e Produção de Texto I*, matriculados em um Centro Universitário, as autoras perceberam, nas escritas, remissões a reflexões feitas sobre a própria escrita, destacando-se reflexões sobre dois momentos: a escrita antes de entrar na universidade que, segundo os alunos, representava um jeito de escrever e o ideal de escrita a ser

atingido após o ingresso no espaço acadêmico-universitário que, para muitos, significa aprender a escrever de outro jeito.

Esses dois momentos colocam em evidência, à luz do letramento acadêmico, os conflitos existentes entre a escrita que produziam e a que é esperada pela universidade. Esse aspecto mostra-se recorrente nos textos dos alunos, o que aponta para a necessidade de o professor levar em conta, no seu planejamento, o letramento que os alunos já possuem antes de ingressarem no espaço acadêmico-universitário, a fim de romper com o discurso do *déficit*.

O texto de Ernesto S. Bertoldo, *O professor no processo de constituição do aluno pela escrita acadêmica*, apresenta alguns aspectos do percurso de uma aluna em seu processo de entrada nas especificidades da escrita acadêmico-universitária. Contextualizado em um Curso de Letras que forma professores de língua portuguesa e de língua estrangeira, o capítulo relata a trajetória de uma aluna, enfocando sua relação com o professor formador, responsável pela disciplina Práticas Discursivas da Academia.

O autor postula que um dos aspectos que caracteriza a relação do professor de escrita acadêmica com o professor em formação seria o de se levar em conta que o processo de constituição do aluno em formação em práticas discursivas acadêmicas letradas comporta uma tensão entre as duas partes, o que seria a condição para que esse professor em formação nelas se constituísse. Assim, os impasses e/ou as dificuldades, vivenciadas por uma aluna em formação, ao se confrontar com uma tarefa específica da escrita de uma resenha em língua estrangeira, são evidenciados no capítulo.

O texto de Marluza T. da Rosa, *Escrit(ur)a acadêmica: inscrição de si no discurso universitário-científico*, aborda a problemática da escrit(ur)a acadêmica pelo viés do falar de si, ruído advindo dos bastidores do discurso científico, que resta geralmente encoberto pela sua voz supostamente objetiva, mas no qual um sujeito faz sinal, apontando para o que há de real nesse discurso.

Respaldo no (du)elo conceitual que caracteriza a abordagem discursivo-desconstrutivista, a autora analisa excertos de entrevistas semidiretivas gravadas e transcritas, nos quais os participantes, (alunos) universitários em doutoramento, abordam não só sua relação com a escrita demandada institucionalmente, mas também sua própria inscrição, sua escritura, no discurso acadêmico-universitário.

O texto de Elizabeth Maria da Silva, *Os mistérios que envolvem a escrita acadêmica*, problematiza, por sua vez, a escrita em espaço acadêmico-universitário a partir dos trabalhos de Lea e Street (1998); Lillis (2003), Zavala (2009); Street (2010), que identificaram reflexões feitas por alunos universitários sobre sua escrita acadêmica. Esses autores constataram que há dimensões “escondidas” subjacentes à avaliação da produção de textos acadêmico-universitários. O professor exigiria a escrita acadêmico-universitária sem explicitar certos critérios que acabariam sendo considerados no momento da correção, supondo, assim, que o aluno universitário já saiba o que é esperado de sua escrita.

Como o aluno universitário nem sempre detém tal saber, evidencia-se uma relação conflituosa entre as expectativas do docente e as interpretações do aluno. Nesse contexto, a autora entende que, para que a tensão entre professor e aluno seja, ao menos amenizada, cabe àquele explicitar para este os critérios que norteariam a avaliação de seus textos. A autora também considera necessário que seja criado um espaço para o aluno refletir sobre seu texto, tendo a oportunidade de compartilhar com o professor seus limites e potencialidades em relação à escrita acadêmico-universitária.

O texto de Míriam Silveira Parreira, *Autoria em redações do ENEM e enunciação escrita: uma possível conjugação a partir da perspectiva de Benveniste*, analisa a escrita autoral da redação, tendo em vista que autor é aquele que aproveita a oportunidade para, em condição figurativa da enunciação escrita, expressar sua opinião, atuando como sujeito do discurso. Para tanto, analisa, a partir das teorizações de Émile Benveniste (1989, 1995, 2014), que, se o texto segue todas as regras de avaliação, produz-se a impressão de que o candidato se constituiria autor do texto.

Nesse sentido, a autora assume que a condição figurativa da enunciação escrita funciona como índice de assunção da intersubjetividade. Dessa forma, mobilizando os conceitos de Benveniste, em especial o conceito de intersubjetividade, o texto propõe que enunciação e autoria possam conviver e ser conjugadas em uma teoria do discurso. O texto de Léa Dutra Costa, *A escrita do relatório: aprendizagem e profissionalização em cursos técnicos de nível médio*, discute a demanda por relatórios produzidos por alunos do 1º ano de uma escola pública mineira, após a realização de experimentos em laboratório de Ciências da Natureza e suas Tecnologias. A autora parte do pressuposto de que essa demanda é semelhante àquela que ocorre em cursos de graduação, em que habitualmente o aluno deve

produzir um número elevado desses textos e ser capaz de relacionar teoria e prática através da sua escrita. Em conformidade com propostas teóricas e metodológicas interacionistas sócio-discursivas, os dados coletados de relatórios e entrevistas foram analisados levando-se em consideração o momento de vida do aluno e a sua competência discursiva.

Nesse sentido, o estudo atesta que relatórios são também largamente empregados na formação de profissionais de nível médio sob a premissa de que, ao escrevê-los, os alunos não só aprendem como são também preparados para o exercício de uma função no mercado de trabalho. Assim, baseando-se em conceituações bakhtinianas, o texto mostra, ainda, que a natureza dos relatórios caracteriza-se como formas prescritivas, altamente estáveis e portadoras de temas, estruturas e estilos próprios e convencionais. Ao contrário dos gêneros literários, os relatórios são pouco afeitos à expressão de individualidade e identidade, o que problematiza seu uso no ensino médio, especialmente, no contexto de aprendizagem de ciências em cursos técnicos.

O texto de Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho, *Letramento acadêmico no curso de Letras-Português*, problematiza as dificuldades das práticas de leitura e escrita de textos acadêmicos de alunos de cursos de licenciatura, enfatizando que o gerenciamento das vozes do discurso mostra-se como um ponto crítico dessas produções. Propõe, assim, responder quais são as marcas linguístico-textuais e discursivas que indiciam o letramento acadêmico. O texto centra-se no gênero resenha, escrita por professores em formação, já que é considerada como um gênero recorrente no espaço acadêmico-universitário e deve ser compreendido como auxiliar no desenvolvimento das capacidades de síntese, interpretação e crítica, levando o estudante a pesquisar, ler e elaborar textos científicos mais complexos.

O ponto alto dessa investigação é contribuir para o redimensionamento dos princípios teóricos e procedimentos metodológicos que orientam e definem as atividades de ensino/aprendizagem da leitura e da escrita acadêmica na licenciatura em Letras. Ademais, os resultados da investigação oferecem indícios sobre possíveis alternativas para se enfrentar a questão do letramento acadêmico nos demais cursos de graduação.

O texto de Roberta Andrade Meneses e Williany Miranda da Silva, *Escrevendo na e para academia: um estudo sobre a incorporação do discurso acadêmico no gênero relato de experiência*, coaduna-se à proposta

de análise de gêneros em espaço acadêmico-universitário, partilhando da ideia de que o gênero é uma forma de agir retoricamente para alcançar determinados fins, refletindo a esfera de atividade humana da qual se origina (Swales, 1990). Assim sendo, contribui no sentido de depreender que conhecimentos e estratégias o aluno universitário, inserido na produção de escrita acadêmico-universitária, mobiliza para integrar-se à *comunidade discursiva acadêmica*.

Para tanto, analisa introduções do gênero relato de experiência de dois alunos universitários de um curso de Letras, nas quais foram identificadas as diferentes estratégias utilizadas por eles na produção da escrita acadêmico-universitária, a partir das teorizações advindas da corrente sociorretórica (Miller, 1984; Swales, 1990; Bazerman, 2006), no que tange à análise de gêneros; Coracini (1991), no que se refere ao discurso da ciência; bem como Silva (2002), no que concerne à delimitação do gênero relato de experiência.

Como vimos argumentando, os trabalhos aqui elencados possibilitam, sob diversos pontos de vista, um voo panorâmico sobre a questão desafiadora da passagem da *Educação Básica à Educação Acadêmico-Universitária* no que tange ao ensino de escrita. Constitui nosso desejo, na condição de professores-pesquisadores engajados com essa questão, que nossos leitores possam, assim, usufruir das reflexões aqui apresentadas como suporte para o enfrentamento da complexidade dos problemas e das questões que envolvem a escrita acadêmico-universitária em sua prática. Boa leitura a todos!

Referências

BACHELARD, Gaston. *A Formação do espírito científico*: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAZERMAN, C. *Gênero, agência e escrita*. HOFFNAGEL, J. C.; DIONISIO, A. P. (Org.). Tradução e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 5 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005. Tradução de: *Problèmes de linguistique générale*.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. Tradução de: *Problèmes de linguistique générale II*.

BENVENISTE, E. *Últimas aulas no Collège de France* (1968 e 1969). Tradução de Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Unesp, 2014. Tradução de: *Dernières leçons: Collège de France (1969 e 1969)*.

BEVILAQUA, R. *Novos estudos do letramento e multiletramentos: divergências e confluências*. Revista Virtual de Letras, v.5, n.1, jan./jul, 2013.

CORACINI, M. J. R. F. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. Campinas, SP: Pontes, 1991.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução brasileira de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GEE, J.P. The new literacy studies: from “socially situated” to the work of the social. In: BARTON, D; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (Eds.). *Situated Literacies: Reading and Writing in context*. London: Routledge, 2000a, p.180-196.

KUHN, Thomas S. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago, 1962.

LEA, M.R; STREET, B.V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. *Studies in Higher Education*. v.23, p.157, June 1998.

LILLIS, T. Student writings ‘academic literacies’: drawing on Bakhtin to move from critique to design. *Language and Education*, v.3, n.17, p.192-207, 1998.

MILLER, Carolyn R. *Genres social action*. Quarterly Journal of Speech, n.70, p.151-167, 1984.

PÊCHEUX, Michel. L’énoncé: enchâssement, articulation et dé-liaison. Actes du Colloque Matérialités discursives. Université Paris X – Nanterre, 24-26 avril 1980. In: CONEIN, Bernard. et al. (orgs). *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981, p.143-148.

_____. Discourse: structure or event? Actes du Colloque Marxism and Interpretation of Culture: Limits, Frontiers, Boundaries. L’Université Urbana-Champaign, 8-12 juillet 1983. In: PÊCHEUX, Michel. *L’inquietude du Discours*. Textes choisis et présentés par Denise Maldidier. Paris: Éditions des Cendres, 1990, p.303-323.

ROSSI-LANDI, F. *A linguagem como trabalho e como mercado: uma teoria da produção e da alienação linguísticas*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Difel, 1985.

SILVA, J.R. *Relato de experiência didática: elementos para a descrição e ensino do gênero*. 90f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa, Paraíba. 2002.

STREET, B. *What’s “new” in new literacy studies? Critical approaches to literacy in theory and practice* 2003. Current Issues in Comparative Education, v.5, n.2, 2003. Disponível em: <<http://www.tc.columbia.edu>>. Acesso em 10 de maio de 2010.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

ZAVALA, Virgínia. "Quién está diciendo eso?" Literacidad académica, identidad y poder en la educación superior. In: KALMAN; STREET (Coord.) *Lectura, escritura y matemáticas*. México: Siglo XXI, p.348-363, 2009.

Cármén Agustini

Ernesto Bertoldo